



UNIVERSIDADE
FERNANDO
PESSOA

A Terceira Força em um Mundo Bipolar: Da Neutralidade na Guerra Fria à Adaptação no Século XXI

[The Third Force in a Bipolar World: From Neutrality in the Cold War to Adaptation in the 21st Century]

Projeto de Graduação

1º Ciclo de Estudos do Curso de Ciência Política e Relações Internacionais

Gonçalo Ferreira Bastos

Orientadora

Doutora Professora Judite Gonçalves de Freitas

junho de 2025

A Terceira Força em um Mundo Bipolar: Da Neutralidade na Guerra Fria à Adaptação no Século XXI

[The Third Force in a Bipolar World: From Neutrality in the Cold War to Adaptation in the 21st Century]

Projeto de Graduação

1º Ciclo de Estudos do Curso de Ciência Política e Relações Internacionais

Gonçalo Ferreira Bastos

Orientadora:

Doutora Professora Judite Gonçalves de Freitas

junho de 2025

Agradecimentos

A realização e finalização desta licenciatura não seria possível sem o apoio de algumas pessoas que me ajudaram ao longo destes três anos de Universidade.

Começo por agradecer à Universidade Fernando Pessoa, que me deu a oportunidade de tirar uma licenciatura de sucesso, acompanhada com professores excelentes que fizeram com que estes três anos se tornassem muito especiais. Agradeço, especialmente, à Doutora Professora Judite Gonçalves de Freitas, que além de ser uma professora excelente, foi também a minha orientadora para a realização deste projeto, ajudando-me sempre que pedido.

Por fim agradeço à minha família, aos meus pais, às minhas irmãs, aos meus avôs maternos, aos meus tios e primo, e à minha namorada Clara. Agradeço à minha mãe por ter-se esforçado continuamente para que eu tivesse a possibilidade de fazer esta licenciatura; ao meu pai, que nunca me negou ajuda e sempre estava lá quando eu precisava; às minhas duas irmãs que sempre me motivaram a continuar a estudar, e reclamavam comigo quando não o fazia; aos meus avôs que sempre estiveram preocupados comigo; aos meus tios e primo que me ajudaram a desanuviar nos momentos mais tensos; e à minha namorada Clara que sempre me deu motivação para estudar e evoluir como pessoa. Reconheço que foram estas pessoas que mantiveram focado e empenhado para finalizar este curso, estando presentes numa das fases mais importantes da minha vida.

Resumo

O presente Projeto de Graduação tem como foco de estudo o Movimento dos Países Não-Alinhados (MPNA) e o seu respetivo papel na estruturação do sistema internacional, desde Bandung, em 1955, até os dias atuais. A pesquisa parte da análise do contexto histórico do surgimento do Movimento durante a Guerra Fria, enquanto tentativa de construção de uma “terceira via” pautada pela neutralidade bem como pela coexistência pacífica, frente à lógica bipolar dominada pelos EUA e pela URSS.

O objetivo central é avaliar em que medida o MPNA constituiu-se como um ator internacional autónomo e eficaz, capaz de influenciar a ordem mundial, com foco no que diz respeito à autodeterminação dos povos, da justiça económica e da equidade entre os Estados. Como objetivos específicos, o trabalho procura: (I) examinar o contributo do MPNA para os processos de descolonização em África e na Ásia; (II) analisar as estratégias diplomáticas utilizadas para apoiar movimentos de libertação nacional; (III) investigar o papel do Movimento na integração política, económica e social dos novos Estados independentes; (IV) avaliar a sua atuação na promoção de uma nova ordem económica internacional e da cooperação Sul-Sul; e (V) compreender sua adaptação e relevância contemporânea frente às novas dinâmicas globais.

A metodologia adotada será qualitativa, baseada em pesquisa bibliográfica e documental, e literatura especializada em História das Relações Internacionais, estudos pós-coloniais e política global. A investigação incluirá também uma abordagem histórica para traçar a trajetória do Movimento, identificando os momentos de ascensão e declínio de sua influência ao longo de sete décadas.

Ao final, espera-se oferecer uma leitura abrangente e crítica sobre o impacto do MPNA na configuração do sistema internacional e refletir sobre o seu potencial como ator relevante nas Relações Internacionais do século XXI, especialmente no que respeita ao multilateralismo e à luta por maior equidade global.

Palavras-Chaves: Movimento dos Países Não Alinhados; Guerra Fria; Neutralidade; Descolonização; Sul Global;

Abstract

This undergraduate thesis focuses on the Non-Aligned Movement (NAM) and its role within the structure of the international system, from Bandung, in 1955, to the present day. The research begins by analysing the historical context in which the Movement emerged during the Cold War, as an attempt to establish a “third way” grounded in principles of neutrality and peaceful coexistence, in contrast to the bipolar logic dominated by the United States and the Soviet Union.

The central objective is to assess the extent to which NAM established itself as an autonomous and effective international actor, capable of influencing the global order—particularly in promoting self-determination, economic justice, and equity among states. The specific objectives of the study include: (I) examining NAM’s contribution to decolonization processes in Africa and Asia; (II) analysing the diplomatic strategies used to support national liberation movements; (III) investigating the Movement’s role in the political, economic, and social integration of newly independent states; (IV) evaluating its actions in promoting a new international economic order and fostering South-South cooperation; and (V) understanding its contemporary adaptation and relevance in response to new global dynamics.

The methodology will be qualitative, based on bibliographic and documentary research, as well as scholarly literature in the fields of International Relations History, postcolonial studies, and global politics. The investigation will also include a historical approach to trace the Movement’s trajectory, identifying the moments of peak influence and periods of decline throughout more than seven decades.

Ultimately, the project aims to provide a comprehensive and critical analysis of NAM’s impact on the shaping of the international system and to reflect on its potential as a relevant actor in 21st-century International Relations—particularly regarding multilateralism and the pursuit of greater global equity.

Keywords: Non-Aligned Movement; Cold War; Neutrality; Decolonisation; Global South;

Índice

Resumo	i
Abstract.....	ii
Lista de Siglas.....	iv
Introdução	1
1. Contexto Histórico.....	3
1.1 A Guerra Fria e a Polarização Mundial	3
1.2 A Conferência de Bandung (1955) e os princípios do Movimento	4
1.3 A fundação oficial do Movimento dos Países Não Alinhados (1961).....	5
2. Os Princípios do Movimento	6
2.1 Neutralidade em Relação aos blocos da Guerra Fria.....	6
2.2. Cooperação entre países em desenvolvimento	7
3. As Principais Conferências e Conflitos Internacionais.....	8
3.1 O Impacto das Conferências subsequentes (Argel, Havana, etc.)	8
3.2 O Papel do Movimento nos conflitos Internacionais (Conflito Árabe-Israelita e Guerra do Iraque e Irão).....	9
4. O Movimento Após a Guerra Fria	12
4.1 Mudanças na estrutura e objetivos pós-1991 e relevância no século XXI	12
4.2 O papel da ONU e novas coalizões globais.....	13
Conclusão	16
Bibliografia	17

Lista de Siglas

EUA – Estados Unidos da América

MPNA – Movimento dos Países Não Alinhados

OLP – Organização pela Libertação da Palestina

ONU – Organização das Nações Unidas

SCO – “Shanghai Cooperation Organisation”

UA – União Africana

UE – União Europeia

UNSC – “United Nations Security Council”

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Introdução

O surgimento do Movimento dos Países Não-Alinhados (MPNA), constituiu uma das mais importantes iniciativas político-diplomáticas criada pelos Países em desenvolvimento. Frente à polarização ideológica entre os blocos liderados pelos EUA e pela URSS, um conjunto de Estados recém-independentes procurou afirmar a sua autonomia estratégica promovendo uma via alternativa de integração internacional, com foco na neutralidade, na não ingerência e na defesa da soberania nacional. Formalmente instituído na Conferência de Bandung, realizada em 1955, o MPNA congregou 29 países asiáticos, africanos e latino-americanos bem como outras regiões do Sul Global, articulando-se como uma força coletiva em defesa de um sistema internacional mais equitativo e multipolar. O Movimento expressou ambições políticas, sociais e económicas que refletiam as preocupações dos Estados pós-coloniais, especialmente em relação à autodeterminação, ao desenvolvimento e à justiça internacional. Ao longo de sete décadas, o MPNA deteve um papel fundamental em questões como, os processos de descolonização, a formulação de uma Nova Ordem Económica Internacional, o fortalecimento da cooperação Sul-Sul e Norte-Sul e a busca por maior representatividade nas Organizações Internacionais. Contudo, com o fim da Guerra Fria e a reconfiguração da ordem internacional, o MPNA enfrentou grandes desafios relacionados com a união do movimento, a capacidade de adaptação e a relevância prática diante de um cenário global cada vez mais complexo e interdependente.

Neste Projeto de Graduação procurarei explicar a importância que o Movimento dos Países Não Alinhados deteve, a sua capacidade de alcançar os seus objetivos, e como se encontra na atualidade. Para isto, foquei-me em fazer uma pesquisa descritiva através de diversas fontes de informações científicas pesquisadas no Google Scholar, Bibliotecas Online, e repositórios institucionais. O trabalho estará organizado em IV capítulos, sem contar com Introdução e Conclusão, onde serão desenvolvidos diversos temas como: o Contexto Histórico e Político (I) onde abordei como é que o movimento surgiu e o seu contexto histórico; Os Princípios do Movimento (II) onde analisei quais eram os principais objetivos do movimento; Principais Conferências e Conflitos Internacionais (III) onde debato o conteúdo de cada Conferência até 1989 e o papel do Movimento na resolução de conflitos internacionais; e por fim, o Movimento após a

Guerra Fria (IV) onde falarei sobre a adaptação do movimento ao novo contexto internacional e a sua relação com as principais Organizações Internacionais.

1. Contexto Histórico

1.1 A Guerra Fria e a Polarização Mundial

A Segunda Guerra Mundial teve o seu fim decretado a 2 de setembro de 1945, após a rendição do Japão. No entanto, no outro lado do globo, a guerra havia acabado a 8 de maio do mesmo ano, com a morte de Hitler e a capitulação da Alemanha Nazista. A Europa, destruída e dividida, precisava agora de se reconstruir. Conforme o que foi decretado pela Conferência de Ialta em 1945 (United States Department of State, 1945) a Alemanha foi dividida em quatro zonas de ocupação diferentes, cada uma delas sobre o comando de um dos vencedores Aliados. A parte mais ocidental ficou sobre o comando do Reino Unido, EUA, e França, já a parte a leste ficou ao encargo da URSS. Após o fim da guerra, um clima de tensão assentava entre os EUA e a URSS, que após a morte de F.D. Roosevelt em abril de 1945, passam a ter uma política diplomática agressiva face à União Soviética, inclusive excluindo-os do programa de “lend-lease” e confrontando-os com o lançamento das bombas nucleares no Japão (Mason, 2002).

Rapidamente, após o fim da guerra, o Exército Vermelho de Stalin, o então líder da URSS, apoderou-se dos Estados do Leste Europeu, quebrando assim a “Declaração da Europa Libertada” definida na Conferência de Ialta, com o objetivo de garantir a democracia e liberdade dos países desprendidos do jugo nazista (United States Department of State, 1945). Como resposta, os EUA, negam-se a reconhecer os Estados fantoches soviéticos da Roménia e Bulgária. A Europa via-se dividida entre o Ocidente Democrático e o Leste Comunista e como referiu W. Churchill, no seu celebre discurso a 5 de março de 1946 em Fulton, Missouri nos EUA, a Europa viu cair sobre ela uma “cortina de ferro”: “From Stettin in the Baltic to Trieste in the Adriatic, an iron curtain has descended across the Continent” (Churchill, 1946). O Mundo todo vivia num clima instável de paz, que agregado à rápida ascensão dos movimentos nacionalistas e anticolonialistas, deram lugar a guerras civis e conflitos violentos.

Conforme presente no Artigo 1º da Carta das Nações Unidas (United Nations, 1945), todos os povos têm direito à autodeterminação e à conquista da sua independência. Partindo deste pressuposto quase cem novos Estados surgem na Comunidade Internacional (Arnold, 2010) e, com o objetivo de se integrarem no

Sistema de Relações Internacionais, estes aliavam-se a um dos lados, seja pela relação ideológica, ou pelos benefícios económicos, sociais e militares. O Mundo passou então por um rápido processo de polarização, onde diversos Estados, com diversas ideologias dispares, procuravam adaptar-se a um dos blocos, seja capitalista ou o comunista. No meio do caos que foi os anos seguintes á guerra, surge a ideia de um Movimento que optava por não se alinhar a nenhuma das esferas, protegendo-se assim, de eventuais ataques á independência dos seus membros.

1.2 A Conferência de Bandung (1955) e os princípios do Movimento

Apesar do Movimento apenas se ter formado oficialmente em 1961, os primeiros passos começaram a ser dados em abril de 1955 com a realização da Conferência Asiático-Africana em Bandung, na Indonésia. O então Primeiro Ministro da Índia, Shri Jawaharlal Nehru, com o objetivo de apoiar à descolonização, contemplou iniciar um movimento, que defenderia mutuamente a paz e o desarmamento. Surge então na ONU, um grupo informal de países Árabes, Africanos e Asiáticos, com o propósito de debater os seus problemas, tal como de mediar questões de paz e segurança. Este grupo seria então, o grande predecessor do "Movimento dos Países Não Alinhado" (Cavoški, 2022). Nehru, tirando partido da Guerra da Coreia, que perdurou ente 1950 e 1953, aproximou este grupo, que apesar de verem o conflito de maneira diferente, compreendiam-se mutuamente. A Índia tentaria então mediar o conflito, que apesar do insucesso, concedeu ao grupo uma certa relevância internacional (Cavoški, 2022).

A Conferência de Bandung, realiza-se então entre 18 e 24 de abril, onde estiveram presentes 29 Estados, pavimentando o início do MPNA, resultando num efeito moral nos países em desenvolvimento, que pela primeira vez, não estavam subjugados á decisão de uma potência estrangeira, originando um sentimento de união que promoveu relações entre Estados. Por fim, desta conferência foram proclamados os "10 Princípio de Bandung", que seriam posteriormente, os objetivos e políticas do Movimento. Estes focavam-se na defesa dos direitos fundamentais; no respeito pela soberania e integridade territorial de todos os Estados; á não intervenção nos assuntos internos de outros Países; na recusa de participação em blocos militares; e na procura pela resolução pacífica de todos os conflitos abstendo-se de usar ameaça ou força contra

qualquer outro Estado (Janani, 2022). Apesar do sucesso da conferência, ela foi igualmente alvo de críticas internacionais, inicialmente devido ao seu isolacionismo regional, como à falta de debate sobre os problemas económicos e políticos que os países em desenvolvimento sofriam e, devido, à falta de princípios coerentes sem ser os 10 pontos (Cavoški, 2022).

Anos mais tarde, Tito, Presidente do Estado da Jugoslávia, aproximou-se do movimento através de reuniões com Nehru, ação que demonstrar-se-ia essencial para expandir o Movimento para além da África e Ásia, além de dar início às conversações sobre a primeira Conferência oficial do Movimento, que também incluiria Estados da Europa e Américas, que seria realizada em Belgrado em 1961.

1.3 A fundação oficial do Movimento dos Países Não Alinhados (1961)

De maneira a consolidar a aproximação, em julho de 1956, houve um encontro entre os líderes Gamal Abdel Nasser do Egito, Shri Jawaharlal Nehru da Índia e Josip Broz Tito da Jugoslávia, alinhando-os em temas fulcrais como a paz, o desarmamento e a coexistência pacífica.

O rápido crescimento do movimento, e a consequente crise do Canal do Suez em 1956 iniciada por Nasser, fez com que ambos os blocos militares se distanciassem do movimento. Já na Ásia, a China envolvia-se em conflitos armados com a Índia e crises políticas com a Indonésia (Cavoški, 2022). O movimento chegaria então a um impasse, enquanto Tito e Nasser o quisessem oficializar, através da realização de uma Conferência de Países Não-Alinhados em Belgrado, mas Nehru estava reticente. Sukarno, Presidente da Indonésia, aparece como um terceiro apoiante da Conferência, no entanto, não tinha como objetivo que esta se realizasse em Belgrado, mas sim em Jakarta, o que leva a um dos primeiros momentos de tensão entre os Estados líderes do movimento (Cavoški, 2022). Apesar disto, a Conferência realizou-se na Casa da Assembleia Nacional, em Belgrado, entre 1 e 6 de setembro de 1961, contando com a presença de 25 Estados Membros. A partir desta 1ª Cúpula dos Países Não Alinhados, o movimento ganha forma, e oficializa-se com o foco de garantir a independência económica e política dos seus membros, assim como, o fim do colonialismo, a luta pela paz e pelo desarmamento (Cavoški, 2022).

2. Os Princípios do Movimento

2.1 Neutralidade em Relação aos blocos da Guerra Fria

Assim como havia sido declarado nos “10 Princípios de Bandung”, um dos principais objetivos do movimento era a não participação dos seus membros nos blocos militares da Guerra Fria (History and Evolution of Non-Aligned Movement, 2012), já que estes procuravam trazer os novos Estados para a sua esfera de influência, limitando-lhe a independência económica e militar (Bandyopadhyaya, 1977). O Movimento posiciona-se no meio destes blocos militares, com o objetivo de garantir que os Estados que adquiriram recentemente a sua independência, possam escolher o que fazer e que posição tomar, sem que a sua economia ou território sejam atacados por uma destas superpotências. O conceito de “não-alinhamento” advém dos Estados que combateram a influência das duas superpotências, procurando manter uma política externa dinâmica, independente e positiva (Bandyopadhyaya, 1977).

Apesar de tudo, o movimento tinha um lado preferido, o Comunismo da União Soviética era muitas vezes visto por bons olhos pelos Estados que pertenciam ao movimento, isto porque, na maioria das vezes, durante a luta pela liberdade, a União Soviética era o inimigo do inimigo, transformando-se então num “amigo estratégico”. Outro ponto, seria que a ideologia política soviética se assemelhava ao pensamento dos líderes dos países Afro-Asiáticos, que rejeitavam o capitalismo por levar a uma “sociedade injusta” e aplaudiam a estrutura económica do comunismo soviético por considerarem ser mais justo e coerente (Bandyopadhyaya, 1977). Tito anos mais tarde afirmaria a Nasser que os Estados do Bloco Soviético eram também membros do MPNA, algo que iria contra o princípio da neutralidade: “Tito reportedly told Nasser that the socialist states were a part of the NAM. [...] However, Tito’s pro-Soviet diplomacy threatened the very nature of the movement.” (Lüthi, 2016, p. 129).

É, contudo, este sentimento de neutralidade face aos blocos político-militares, que dá as forças para o movimento surgir e crescer, este estabelece-se como a terceira força em um mundo bipolar, tornando-se numa verdadeira balança, a certo ponto nenhum dos dois poderosos blocos militares conseguiram alcançar os seus objetivos sem a ajuda e a boa vontade do MPNA (Weeramantry, 1989).

2.2. Cooperação entre países em desenvolvimento

Após a Conferência de Belgrado, eram 25 os membros do MPNA, que tinham em comum o sentimento de serem vítimas do colonialismo ou do imperialismo, criando sentido de necessidade de cooperação social e cultural, com o objetivo de acabar com todas as formas de imperialismo e colonialismo (Ramanathan, 2022), garantindo a todos os povos o seu Direito à Autodeterminação (United Nations, 1945). Na declaração final da conferência, o movimento condena a presença da França na Argélia, a exploração de Angola pelos Portugueses e o colonialismo Belga no Congo (Bandyopadhyaya, 1977; Non-Aligned Movement (NAM) Disarmament Database, 2012).

A cooperação econômica também era necessária, já que estes Estados estavam vulneráveis devido à diferença acentuada entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento, sendo que diversos Estados viram-se obrigados a concluir ou facilitar acordos financeiros que punham em causa a sua independência econômica (Weeramantry, 1989). O Movimento procura então, combater estes ataques, através de ações de cooperação de partilha tecnológica e, principalmente, de cooperação econômica. Cada membro reorganizou a sua economia doméstica e passando depois a observar o seu papel no sistema econômico internacional, partindo daí, o movimento une-se e ganha força dentro do sistema econômico, participando na criação de Agências, órgãos econômicos das Nações Unidas e o “Grupo dos 77” (G77), moldando um pouco do que fora o sistema econômico internacional da época (Sengupta, 1976).

3. As Principais Conferências e Conflitos Internacionais

3.1 O Impacto das Conferências subsequentes (Argel, Havana, etc.)

Entre a Conferência de Belgrado em 1961 e a queda do Muro de Berlim em 1989, o Movimento dos Países Não Alinhados (MPNA) realizou sete conferências que marcaram sua evolução e impacto internacional.

A 2ª Cúpula, no Cairo em 1964, abordou principalmente questões económicas, políticas, sociais e de segurança, diferenciando-se da primeira conferência, que teve como foco, o colonialismo e o imperialismo (Lyon, 1980; Cavoški, 2022). Além disso, destacou-se a deterioração das relações sino-soviéticas, expondo uma grave crise identitária com divisões internas entre alas moderadas e radicais. (Lyon, 1980; Cavoški, 2022).

Após seis anos sem encontros, a 3ª Conferência em Lusaca (1970) buscou revitalizar o Movimento, procurando resolver a sua grave falta de estrutura e estabelecendo regras para a organização de conferências de três em três anos (Lyon, 1980; Cavoški, 2022). Os temas incluíram o papel dos países africanos recém-independentes, autonomia, problemas económicos e sociais, além da proposta de um Novo Sistema Internacional (Lyon, 1980; Cavoški, 2022).

Em Argel, na 4ª Conferência (1973), o MPNA consolidou sua estrutura organizacional, ampliando-se com a adesão de novos membros. A agenda mudou do anti-imperialismo para a cooperação económica e integração do Sul Global, posicionando o Movimento como peça central na disputa Norte-Sul para reformar a economia global (Lyon, 1980; Cavoški, 2022).

Na 5ª Conferência em Colombo (1976), o Movimento atingiu seu auge político, influenciando as superpotências e promovendo a Nova Ordem Económica Mundial baseada na interdependência socioeconómica (Lyon, 1980; Cavoški, 2022). No entanto, a 6ª Conferência em Havana (1979) evidenciou conflitos internos, especialmente devido ao alinhamento de Cuba com a União Soviética, comprometendo a neutralidade e causando divisões profundas no Movimento (D Paranzino, 2020; Cavoški, 2022).

A 7ª Conferência, realizada em Nova Déli em 1981, buscou revitalizar o MPNA, reafirmando a neutralidade e os princípios originais, com foco na cooperação social e econômica entre Norte e Sul Global (Prashad, 2007).

Por fim, a Conferência de Harare em 1986 reforçou a cooperação econômica, criando um Comitê Ministerial para o compartilhamento tecnológico, e adotou medidas contra o apartheid na África do Sul, além de apoiar movimentos de libertação africanos e inquirir soluções políticas para a crise no Afeganistão (NON-ALIGNED MOVEMENT SUMMIT IN HARARE, 1986).

3.2 O Papel do Movimento nos conflitos Internacionais (Conflito Árabe-Israelita e Guerra do Iraque e Irã)

Ao longo do século XX, o Movimento dos Países Não Alinhados enfrentou sérias dificuldades em manter a sua coesão interna, sobretudo face à tentativa de intervenção e mediação de conflitos internacionais complexos, como o Conflito Árabe-Israelita e a Guerra entre Iraque e Irã, que evidenciaram as suas fragilidades estruturais e políticas.

O Conflito Árabe-Israelita, teve início em 1948 com o estabelecimento do Estado de Israel e a imediata hostilidade dos países árabes vizinhos, como Egito, Síria e Iraque (Bar-Siman-Tov, 1994; Johnston, 1977). Após um armistício em 1949, houve um breve período de relativa estabilidade, que foi rompido em 1956, quando o presidente egípcio Gamal Abdel Nasser nacionalizou o Canal de Suez. Esta ação provocou uma resposta militar coordenada entre França, Reino Unido e Israel, que atacaram o Egito, com Israel ocupando a Faixa de Gaza. Este episódio marcou a crescente militarização e tensão da região. Em 1959, o Egito afastou-se parcialmente da causa palestina, influenciando para que em 1964 fosse criada a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) que rapidamente ganhou o apoio dos Estados árabes, solidificando a dimensão internacional da luta palestina (Bar-Siman-Tov, 1994).

Entre 1967 e 1973, ocorreram três guerras entre Israel e os países árabes, aprofundando o conflito e embora o Egito tenha assinado um acordo de paz com Israel em 1979 (Acordos de Camp David), os confrontos entre Israel e a OLP, bem como outros países árabes, continuaram por décadas (Bar-Siman-Tov, 1994; Johnston, 1977).

Este conflito foi um separador de águas para o MPNA, pois revelou uma forte divisão interna e fragilizou a sua posição tradicional de neutralidade. Internamente, os líderes do MPNA tomaram posições divergentes: Nasser do Egito, apoiava firmemente a causa árabe, Tito, da Jugoslávia, alinhava-se com Nasser e a URSS, enquanto Nehru, da Índia, optou por uma postura neutra, em parte motivada pela dependência do país do trigo americano, o que limitava um engajamento político mais agressivo (Lüthi, 2016). Em 1964, na Conferência do Cairo, a OLP é convidada a participar o que consolidou a inclinação do movimento para o lado árabe (Lüthi, 2016).

Contudo, o fortalecimento da OLP e a sua radicalização, evidenciada por confrontos violentos com o exército da Jordânia e sequestros de aviões, causaram tensões dentro do MPNA, exigindo a mediação de Nasser. A sua morte em 1970 e a sucessão por Anwar Sadat, influenciaram tanto a dinâmica do movimento como a da política egípcia. Sadat, afastado da influência soviética e em busca do apoio dos EUA, usou o MPNA para tentar encerrar o conflito, culminando na guerra de 1973 e posterior acordo de paz em 1979 (Lüthi, 2016).

O MPNA, no entanto, saiu fragilizado deste processo. O alinhamento do Egito com Israel e os EUA via Camp David, gerou forte rejeição por parte dos países árabes membros do movimento, o que culminou na tentativa de expulsão do Egito da Organização durante a Conferência de Nova Deli em 1983 (Rajan, 1982). Esta crise, evidenciou as profundas divergências internas do MPNA e a dificuldade de manter a sua neutralidade política, algo que limitou o seu potencial de mediar conflitos internacionais (Lüthi, 2016; Rajan, 1982).

O segundo grande conflito que evidenciou as divisões no MPNA, foi a Guerra entre Iraque e Irão, iniciada em setembro de 1980, quando Saddam Hussein invadiu o Irão. Hussein receava a propagação da Revolução Islâmica iraniana ao Iraque, o que ameaçava a sua estabilidade interna, além do mais, este via na guerra uma oportunidade de expandir a influência iraquiana no Médio Oriente (Hiltermann, 2010). Apesar de um início ofensivo, o Iraque rapidamente entrou em defensiva, e, para conter as ofensivas iranianas, recorreu ao uso de armas químicas, prolongando-se a guerra até 1988, terminando na destruição e devastação de cidades em ambos os países (Hiltermann, 2010).

O MPNA tentou intervir com a criação de um Comitê de Paz, visitando Teerã e Bagdá para mediar o conflito, mas as negociações iniciais fracassaram devido ao envolvimento da Argélia no Comitê, país que Hussein via com desconfiança (Rajan, 1982). Após a exclusão da Argélia, o Comitê conseguiu propor um plano de cessar-fogo, que incluía a retirada das tropas iraquianas e a criação de uma zona desmilitarizada parcial, que foi considerada tolerável, mas não suficiente para pôr fim ao conflito (Farhang, 1985; Rajan, 1982).

Na 3ª Conferência do MPNA, em Nova Deli, 1983, o movimento condenou o conflito e apelou à paz, embora nenhum dos lados aceitasse os termos propostos. Além disto, surgiram tensões internas, com o Irão apelando à expulsão do Iraque do movimento, e o Iraque, como resposta, solicitou que o Irão fosse suspenso (Rajan, 1982). Ainda que não tenha conseguido resolver o conflito, o MPNA teve papel fundamental na busca por uma solução juntamente com outras organizações como ONU e a Liga Árabe (Sigler, 1986).

4. O Movimento Após a Guerra Fria

4.1 Mudanças na estrutura e objetivos pós-1991 e relevância no século XXI

Com o colapso do bloco soviético entre 1989 e 1991 e o fim da Guerra Fria, o Movimento dos Países Não Alinhados (MPNA) enfrentou o desafio de se adaptar à nova ordem mundial. A aproximação entre os EUA e a Rússia, simbolizada pelo Tratado de Redução de Armas Estratégicas (START), sinalizou o fim da corrida armamentista (Kabi, 2002). Na Europa, a reunificação alemã e o fortalecimento da União Europeia mostravam o surgimento de novos polos de poder. Adicionalmente, a globalização passou a definir os rumos da política e da economia internacional (Kabi, 2002).

Antecipando essas mudanças, na Conferência de Belgrado em 1989, compreendia-se que a estrutura bipolar do mundo estava prestes a desaparecer. A Jugoslávia propôs uma modernização do MPNA, sugerindo o abandono da neutralidade frente aos blocos militares, mas essa proposta dividiu os membros do movimento (Bisenić, 2021). O plano visava tornar o movimento mais flexível, focado em diálogo e cooperação, contudo o momento de transição foi conturbado. Na Conferência de Jakarta, em 1992, os impactos da nova geopolítica agravaram-se. O vácuo de poder no Oriente Médio, após o colapso soviético, resultou na invasão do Kuwait pelo Iraque, o que gerou divisão interna e inação diante da crise (Bisenić, 2021). Paralelamente, a fragmentação da Jugoslávia levantou dúvidas sobre a sua permanência no movimento, sem que se alcançasse um consenso.

Frente a essas transformações, o MPNA precisou de se reposicionar na nova ordem mundial, descrita por George H. W. Bush, como uma era mais segura, justa e harmoniosa, que possibilitaria a cooperação entre Norte-Sul e Leste-Oeste (Bush, 1990), todavia, nem todos os membros do movimento partilhavam dessa visão otimista (Bisenić, 2021). Apesar das dificuldades, o movimento procurou expandir-se, estabelecendo laços com países como Japão e ex-repúblicas soviéticas. Ainda assim, os EUA e a França mantiveram certa resistência em aproximar-se do Movimento (Kabi, 2002).

Com o passar dos anos, o movimento passou a ser visto, sobretudo no Ocidente, como ineficaz e irrelevante (Vieira, 2016; Bisenić, 2021). Um exemplo emblemático foi o cancelamento da 13ª Conferência, originalmente prevista para 2002 em Bangladesh, quando o novo governo local descreveu o MPNA como "um cavalo morto", rejeitando investir recursos no evento (Bangladesh calls off NAM summit - Times of India, 2001; Bisenić, 2021).

A perda de credibilidade do MPNA deveu-se a múltiplos fatores: o colapso do mundo bipolar, questionou a necessidade de ser não-alinhado; os fóruns de resolução de conflitos passaram a ser dominados por negociações diretas e pela ONU; e a incoerência entre os princípios do movimento e o comportamento de seus membros, muitos dos quais envolvidos em guerras e violações dos direitos humanos (Rana, 1997; Bisenić, 2021). Por outro lado, o MPNA continuou a representar uma plataforma importante para diversos países marginalizados no sistema internacional, como a Coreia do Norte, Cuba, Venezuela e Irão, que viam no movimento um instrumento de representação e de resistência ao isolamento (Fisher, 2012; Bisenić, 2021).

O movimento manteve-se relevante, ao abordar as desigualdades persistentes entre Norte e Sul e ao defender a cooperação global para enfrentar desafios comuns. Para se adequar ao século XXI, passou a focar-se em novas pautas, como direitos humanos, democratização, desarmamento, desenvolvimento sustentável e justiça econômica global. Essas diretrizes ficaram claras na conferência de 2018, que incluiu na sua agenda temas como, a “Agenda 2030” e a construção de uma Nova Ordem Econômica Internacional (Kabi, 2002; Kharel, 2020; Bisenić, 2021). Em colaboração com a ONU, o MPNA, continuou a pressionar por justiça social e econômica para os países em desenvolvimento, reafirmando a sua missão de dar voz ao Sul Global no cenário internacional (Kabi, 2002).

4.2 O papel da ONU e novas coalizões globais

Apesar de manter um clima de colaboração com a ONU, o MPNA sempre manifestou críticas à estrutura do Conselho de Segurança (UNSC). Desde a Conferência de Bandung, o movimento defende uma reforma que torne o Conselho mais representativo e eficaz, especialmente no que diz respeito à inclusão de países africanos

e asiáticos (Weeramantry, 1989). Na época, conforme estabelecido na Carta das Nações Unidas, o Conselho era composto por 11 membros — cinco permanentes (EUA, URSS, China, França e Reino Unido) e seis não permanentes, eleitos pela Assembleia Geral (Kirgis, 1995). A Carta das Nações Unidas (United Nations, 1945) defendia o direito à autodeterminação dos povos (United Nations, 1945, Art. 1º, para. 2), à resolução pacífica de todos os tipos de conflitos (United Nations, 1945, Art. 1º, para. 1), ao respeito pelos Direitos Humanos, independente de raça, sexo, língua, religião, características económicas, sociais ou culturais (United Nations, 1945, Art 1º, para. 3) e à igualdade entre todos os Estados (United Nations, 1945, Art. 2º, para. 1). Em 1955, quando foram concebidos os “10 pontos de Bandung”, muitos deles inspiram-se nos objetivos impostos pela ONU. Em 1960, foi apresentada à Assembleia Geral uma proposta para aumentar o número de membros não permanentes de seis para dez, contudo esta foi rejeitada (Kirgis, 1995; Mathur, 2016). O MPNA retomou a reivindicação na Declaração Final da Conferência de Belgrado em 1961 (*Non-Aligned Movement (NAM) Disarmament Database, 2012*) e, novamente, em 1963 e 1964, sem sucesso (Mathur, 2016). Apenas em 1965, ocorreu uma reforma modesta, elevando o número de membros não permanentes para dez.

A partir dos anos 1970, o MPNA intensificou a pressão por uma maior democratização da ONU, procurando assegurar maior participação de todos os Estados-membros nos processos decisórios: “Between 1970 and 1990, NAM members developed a platform with the objective 'to work towards the further democratisation of the UN [...] and secure the widest participation of member-states in UN decision-making'” (Mathur, 2016, p. 15). Passou a ser prática comum, que representantes do MPNA eleitos para o Conselho, atuassem de acordo com os posicionamentos do movimento, opondo-se, inclusive, ao uso do poder de veto pelos membros permanentes — especialmente em temas de descolonização, como no Vietname (Mathur, 2016).

Em 1979, o MPNA solicitou uma nova ampliação dos membros não permanentes, de dez para catorze, sendo novamente ignorado. A reforma do UNSC, permanece um ponto recorrente nas conferências do movimento, inclusive na mais recente, realizada em Kuala Lumpur em 2024 (Bandyopadhyaya, 1977; Mathur, 2016).

O MPNA também manteve colaborações com outras organizações. Destaca-se a relação estreita com o Grupo dos 77 (G77), do qual foi fundamental na criação e no

fortalecimento, especialmente na defesa dos interesses econômicos dos países em desenvolvimento. Além disso, construiu laços com a União Africana (UA) e a Organização de Cooperação de Xangai (SCO), que, embora regionais, compartilham objetivos semelhantes com o MPNA (Aliyeva, 2023).

Já a relação com a União Europeia (UE) foi historicamente mais distante. O MPNA relutava em aproximar-se de uma entidade considerada pró-ocidental, enquanto a UE tinha pouca afinidade com um movimento marcado pela neutralidade (Hakorvita, 1983). Ainda assim, alguns países europeus neutros, como Áustria, Finlândia, Suécia e Irlanda, mantiveram vínculos com o MPNA, inclusive participando como observadores em algumas conferências (Hakorvita, 1983).

Com o fim da Guerra Fria, tanto o MPNA quanto a UE tiveram de se reconfigurar. Atualmente, a UE procura um papel de equilíbrio estratégico entre os EUA e a China — uma postura que se aproxima da política de não alinhamento defendida pelo MPNA (Bisenić, 2021).

Conclusão

O presente projeto analisou a relevância e influência do Movimento dos Países Não Alinhados perante as relações internacionais, desde a sua formação, durante a Guerra Fria, ao seu respetivo papel no cenário pós-Guerra Fria. Partindo-se do estudo sobre como o movimento surgiu e quais foram os seus princípios fundamentais, procurou-se compreender de que maneira atingiu os seus objetivos e o impacto dos seus ideais na organização da ordem mundial, após a 2ª Guerra Mundial.

Como tal, foram analisadas inúmeras conferências, assim como as suas ações, perante os problemas de desenvolvimento dos Estados, bem como, as respostas às crises internas e externas. Estas demonstraram um movimento focado na oposição ao colonialismo, e a integração dos Estados recém independentes, através da criação de um terceiro bloco não alinhado, que promovia o diálogo e a cooperação económica e social entre o Norte-Sul, (países desenvolvidos e países em desenvolvimento) e o Sul-Sul (países em desenvolvimento) Global. Deste modo, o movimento contribuiu fundamentalmente na formação da identidade do Sul Global, prevenindo igualmente, que os Estados recém independentes ficassem isolados na Comunidade Internacional.

No entanto, o movimento encontrou diversos desafios. Em mais de 60 anos de existência, ficou marcado por desentendimentos e conflitos entre membros, algo que reduziu significativamente o seu potencial, seja em alcançar o objetivo de neutralidade, seja em resolver conflitos internacionais, como se comprovou neste ensaio. O estudo revela-nos ainda, que o MPNA passou por um momento de adaptação após o fim da Guerra Fria, redirecionando o seu foco para os direitos humanos e o desenvolvimento sustentável.

Todavia, perdeu a sua relevância internacional, visto que os blocos político-militares se desintegraram, afetando os princípios que defendiam, nomeadamente a neutralidade, posto isto, o futuro do movimento continuam uma questão de imenso debate entre os seus membros.

Bibliografia

- Aliyeva, S. (2023). The non-aligned movement in contemporary international relations. *Global Sustainable Development*. <https://doi.org/10.69471/gsd-4>
- Arnold, G. (2010). *The A to Z of the NAM and the Third World*. Scarecrow Press. <https://doi.org/10.5771/9781461672319>
- Bandyopadhyaya, J. (1977). The non-aligned movement and international relations. *India Quarterly*, 33(2), 137–164. <http://www.jstor.org/stable/45071355>
- Bangladesh calls off NAM summit - Times of India. (2001, October 16). *The Times of India*. <https://timesofindia.indiatimes.com/bangladesh-calls-off-nam-summit/articleshow/881140766.cms>
- Bar-Siman-Tov, Y. (1994). *The Israeli-Arab Conflict: From Conflict to Resolution?* SUNY Press.
- Bisenić, D. (2021). An exit from contradictions in the post-Cold War development of the Non-Aligned Movement. In *The 60th Anniversary of the Non-Aligned Movement* (pp. 399–415). Institute of International Politics & Economics. https://doi.org/10.18485/iipe_60nam.2021.ch23
- Cavoški, J. (2022). *Non-Aligned Movement Summits: A History*. Bloomsbury Publishing.
- Churchill, W. S. (1946, March 5). **Sinews of Peace** [Discurso]. Westminster College, Fulton, MO. <https://winstonchurchill.org/resources/speeches/1946-1963-elder-statesman/the-sinews-of-peace/>
- Di Maio Tancredi, L., Pereira Lubaszewski, N., & Pasqualini Milagre, R. (2014). Os 60 anos do Movimento dos Países “Não-Alinhados” e a Conferência de Bandung. *Revista Novas Fronteiras*, 1(2). <https://novasfronteiras.espm.br/RNF/article/view/34>

- Farhang, M. (1985). The Iran-Iraq war: The feud, the tragedy, the spoils. *World Policy Journal*, 2(4), 659–680. <http://www.jstor.org/stable/40209178>
- Fisher, M. (2012, August 29). Non-aligned with reality: How a global movement for peace became a club for tyrants. *The Atlantic*.
<https://www.theatlantic.com/international/archive/2012/08/non-aligned-with-reality-how-a-global-movement-for-peace-became-a-club-for-tyrants/261737/>
- Fischer-Tiné, H., Boskovska, N., & Miskovic, N. (2014). *Non-Aligned Movement and the Cold War: Delhi - Bandung - Belgrade*. Taylor & Francis Group.
- Bush, G. H. W. (1990, September 11). September 11, 1990: Address before a joint session of Congress | Miller Center. Miller Center. <https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/september-11-1990-address-joint-session-congress>
- Hakovirta, H. (1983). Effects of non-alignment on neutrality in Europe: An analysis and appraisal. *Cooperation and Conflict*, 18(1), 57–75.
<https://doi.org/10.1177/001083678301800105>
- Hiltermann, J. (2010). Deep traumas, fresh ambitions: Legacies of the Iran-Iraq war. *Middle East Report*, 257, 6–15. <http://www.jstor.org/stable/40985249>
- History and Evolution of Non-Aligned Movement. (2012, September 22). Ministry of External Affairs, Government of India. <https://www.mea.gov.in/Speeches-Statements.htm?dtl/20349/History+and+Evolution+of+NonAligned+Movement>
- Jack, H. A. (1961). Belgrade ballet. *Africa Today*, 8(8), 12.
<http://www.jstor.org/stable/4184251>
- Johnston, S. D. (1977). Dynamics of confrontation: The Arab-Israeli conflict. *Social Science*, 52(4), 195–205. <http://www.jstor.org/stable/41886197>
- Lyon, P. (1980). Non-alignment at the summits: From Belgrade 1961 to Havana 1979—A perspective view. *The Indian Journal of Political Science*, 41(1), 132–153.
<http://www.jstor.org/stable/41854996>

- Kabi, D. B. (2002). Non-Aligned Movement and the new world order. *Proceedings of the Indian History Congress*, 63, 1161–1169.
<http://www.jstor.org/stable/44158187>
- Kharel, A. B. (2020). Non-Aligned Movement: Challenges and way forward. *Molung Educational Frontier*, 10, 1–12. <https://doi.org/10.3126/mef.v10i0.34053>
- Kirgis, F. L. (1995). The Security Council's first fifty years. *The American Journal of International Law*, 89(3), 506–539. <https://doi.org/10.2307/2204171>
- Lüthi, L. M. (2016). The Non-Aligned Movement and the Cold War, 1961–1973. *Journal of Cold War Studies*, 18(4), 98–147.
https://doi.org/10.1162/jews_a_00682
- Lyon, P. (1980). Non-alignment at the summits: From Belgrade 1961 to Havana 1979—A perspective view. *The Indian Journal of Political Science*, 41(1), 132–153.
<http://www.jstor.org/stable/41854996>
- Mason, J. (2002). *Cold War: 1945-1991*. Taylor & Francis Group
- Mathur, P. (2016). The Non-Aligned Movement and the United Nations: Reform of the United Nations security council. *World Affairs: The Journal of International Issues*, 20(2), 10–23. <https://www.jstor.org/stable/48505274>
- Non-Aligned Movement (NAM) Disarmament Database*. (2012, abril). James Martin Center for Nonproliferation Studies. [http://cns.miis.edu/nam/index.php/meeting/index?Meeting\[forum_id\]=5&name=NAM+Summits](http://cns.miis.edu/nam/index.php/meeting/index?Meeting[forum_id]=5&name=NAM+Summits)
- Non-Aligned Movement Summit in Harare. (1986). *Strategic Studies*, 10(1), 3–5.
<http://www.jstor.org/stable/45182346>
- Paranzino, M. D. (2020). Negotiating non-alignment: Cuba, the USSR, and the Non-Aligned Movement. In *Latin America and the Global Cold War*. The University of North Carolina Press.
https://www.academia.edu/42854209/Negotiating_Non_Alignment_Cuba_the_USR_and_the_Non_Aligned_Movement

Prashad, V. (2007). *The darker nations: A people's history of the Third World*. The New Press.

Rajan, M. S. (1982). The Non-Aligned Movement and the Middle East. *Asian Survey*, 22(1), 62-75.

Ramanathan, J. (2022). A renewed Non-Aligned Movement. In G. Jacobs, D. Kiniger-Passigli, & R. Ravi (Eds.), *The war in Ukraine: Global perspectives on causes and consequences* (pp. 172–174). Independently Published.

Rana, A. P. (1997). Back to basics: Non-alignment after the Cold War. *World Affairs: The Journal of International Issues*, 1(2), 49–57.
<http://www.jstor.org/stable/45063703>

Sengupta, A. (1976). Non-alignment and economic development. *India International Centre Quarterly*, 3(3), 103–110. <http://www.jstor.org/stable/23002010>

Sigler, L. (1986). The Role of the Non-Aligned Movement in the Iran-Iraq War. *Third World Quarterly*, 8(3), 1067-1080.

Turack, D. C. (1985). [Review of *The Non-Aligned, the UN, and the Superpowers*, by R. L. Jackson]. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 481, 175–176. <http://www.jstor.org/stable/1045147>

United Nations. (1945, June 26). Charter of the United Nations. <https://www.un.org/en/about-us/un-charter/full-text>

United States Department of State. (1945, February 11). *Protocol of the Proceedings of the Crimea (Yalta) Conference*. Office of the Historian. <https://history.state.gov/milestones/1937-1945/yalta-conf>

Vieira, M. A. (2016). Understanding resilience in international relations: The Non-Aligned Movement and ontological security. *International Studies Review*, 18(2), 290–311. <https://doi.org/10.1093/isr/viw002>

Weeramantry, C. G. (1989). Non-Aligned Movement: Some issues for consideration. *Pakistan Horizon*, 42(3/4), 135–189. <http://www.jstor.org/stable/41393898>

